

Autobiografia do Africano Le Clézio

Rudião Rafael Wisniewski*

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a obra *O Africano*, de J.M.G. Le Clézio, para identificar a autobiografia do autor, influenciada pela vida do pai. Para tal valeu-se dos postulados de Lejeune nO *pacto autobiográfico*, também localizou-se historicamente a obra, com o estudo da memória, sua aliada. O livro demonstra a íntima relação de Le Clézio com a África, alertando sobre a africanidade presente em cada ser humano, na maioria das vezes camuflada ou não percebida.

Palavras-chave: Autobiografia. África. Le Clézio.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.

Hannah Arendt

A maior aliada da história é a memória, a qual, quando transcrita, como representação do passado, torna-se História. No entanto, Segundo Jaques Le Goff, (1996, p. 43), o estudo da memória não é exclusividade da História, mas também da Antropologia, da Psicologia e da Educação, ganhando uma significação particular naquela, pois “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história”. Além disso, Le Goff (p. 7) afirma que “hoje os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre história e memória”. Diferentemente do pressuposto positivista em que apenas o documento escrito tem valor histórico, quem se fundamenta em outras perspectivas teóricas pode considerar que “os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se arquivos orais” (p. 10).

É segundo esse prisma que se analisa a narrativa das lembranças de Jean-Marie Gustave Le Clézio, bem como sua trajetória pelas memórias do pai, e os relatos da mãe, para

* Mestrando em Letras - Literatura da URI - Frederico Westphalen. E-mail: rudiaorw@hotmail.com.

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 12	n. 18	p. 133-144	Ago. 2010. Recebido em: 03 mar. 2010. Aprovado em: 21 maio 2010.
--	----	-------	-------	------------	---

construir sua história pessoal.¹ Ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 2008, o autor de *O africano*² é formado em Letras Francesas. Aos 68 anos, o escritor já publicou mais de 30 livros, sendo o primeiro aos 23 anos – *Le Procès-verbal*, com o qual conquistou o prêmio literário Renaudot. Nascido em Nice, a 13 de abril de 1940, mantém forte ligação com a terra natal de seus pais, as ilhas Maurício, que foram colônia da França.

O africano é a narrativa de uma viagem rememorativa à África – embora não se configure como literatura de viagens –, iniciada em 1928, até muito depois da Segunda Guerra Mundial, na qual o narrador refaz o caminho que seu pai percorreu durante 22 anos, enquanto exerceu a profissão de médico militar. Desde sua impressão sobre “o corpo” até suas conclusões sobre “o esquecimento” – primeiro e último capítulo do livro – o narrador busca sua identidade, por meio de fotografias com algumas inscrições, lembranças de conversas com a mãe, e das poucas palavras do pai, além da análise da personalidade desse. Duvidando das lembranças da infância, pois sempre via tudo maior do que era, o autor e narrador lembra das violências do corpo mal vestido (quando não nu), dos insetos agressivos, dos temporais que castigavam tanto quanto do clima árido, do canibalismo, da fome e da pior de todas as violências: o esquecimento pelo colonialismo.

As colônias inglesas no continente africano, onde Le Clézio viveu aos oito anos, tiveram sua liberdade roubada e substituída pela opressão, uma terra onde o pai criou laços de amor pela natureza e pelo povo, vindo a tornar-se “por força e por necessidade, sua terra verdadeira” (p. 65). Não obstante, constatou com um sentimento de fracasso e pessimismo que, tal como o colonialismo, a prática da medicina

também é um poder sobre as pessoas, sendo a vigilância médica, igualmente, uma vigilância política. Bem o sabia o exército britânico, ele que, no começo do século, após anos de uma resistência escarniçada, pôde vencer pela força das armas e da técnica moderna a magia dos últimos guerreiros ibos, no santuário de Aro Chuku, a menos de um dia de marcha de Ogoja. Não é fácil mudar povos inteiros quando a mudança é feita sob coerção (p. 97-98).

Todavia, a medicina não é a única expressão ocidental de imposição colonialista quase inconsciente. O narrador lembra como ele e seu irmão destruíam cupinzeiros ocupantes de

¹ Se pela memória somos retidos ao contato direto com alguma de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido nosso passado (HALBWACHS, 2006, p. 91).

² LE CLÉZIO, Jean-Marie G. *O africano*. Trad. Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2007. (Todas as citações serão retiradas dessa edição).

lugares sagrados nas lendas africanas – uma violência sem sentido aos olhos dos meninos do local. Na época, seu espírito europeu não se importava com esse antagonismo cultural. Anos depois, percebendo que recebera ainda no útero um sentimento de pertencimento à África, o narrador assiste, ao lado do pai, à situação da “sua terra” e, ao vê-lo com seus setenta e dois anos e olhos marejados, devido à situação das mães africanas, lembra o começo do poema de Chinua Achebe, “Mãe num campo de refugiados”: *Não, não há Virgem com o Menino que se possa igualar / Ao quadro da ternura de uma mãe / Para com este filho que em breve ela terá de esquecer* (p. 117).

A conclusão do narrador é que, assim como seu pai tornou-se africano, por força do destino, ele também, através desse e de sua mãe “africanizada”, com todo o amor por ela transferido, pode tornar-se um africano. A analogia é a humanidade e significa que qualquer um pode ser africano, ou seja, mais humano. No entanto, esse processo de humanização torna-se mais difícil dependendo de quão “humanos” são os pais, pois, conforme Le Clézio (p. 5): “Todo ser humano é um resultado de pai e mãe.”

A narrativa autobiográfica intercala-se com fotos e um mapa proveniente do arquivo do autor, traspassando a História do século XX enquanto tece a história de sua própria família. Ele escreve com clareza, por meio de uma forma que parece simples ao passo que constrói novas compreensões e emoções para descrever as memórias com autenticidade. *O africano* é dirigido à sociedade ocidental, como tentativa de lhe abrir os olhos e o coração para as culturas menos favorecidas. Pode ser utilizado como um arcabouço teórico da Antropologia, visto que analisa o ser humano no seu âmago e contrasta as ambivalências sociais do século passado, apontando possíveis causas para as naturezas antagônicas dos continentes europeu e africano e a tentativa de compreensão das identidades social e individual.

A História também encontra um material interessante de pesquisa no que tange ao colonialismo britânico e francês. A Geografia pode valer-se das descrições dos lugares por onde o médico passou, inclusive, criando seus próprios mapas, pois

na época em que percorre a província do Noroeste, mapas são inexistentes. O único mapa impresso do qual ele [o pai] dispõe é a carta geográfica do estado-maior do exército alemão, na escala I / 300.000, fixada por Moisel em 1913. Mas essa carta é imprecisa, a não ser no que diz respeito aos principais cursos d’água (p. 77).

A Etnografia encontrará uma rica fonte de pesquisa de costumes, vestimentas, rituais e festas típicas das aldeias africanas visitadas pelos pais do narrador, como a descrita por sua mãe, ocorrida em Babungo, onde “prepara-se o teatro de máscaras. Embaixo de uma figueira-

-baniana ficam os tocadores de tãã [...]. Tudo começa ao pôr-do-sol, lá pelas seis horas, e dura até o alvorecer do dia seguinte” (p. 84).

Todo estudo com vistas à “africanidade”³ em seus diversos sentidos, especialmente no que se refere à comunhão com a terra e com os irmãos, mantida pelo povo africano até a atualidade, encontrará referência em *O Africano*. Assim, a literatura biográfica apresenta a vida, a história de alguém em seus diversos aspectos, podendo servir de instrumento para uma melhor compreensão desta.

Philippe Lejeune (2008, p. 11-47), em “O pacto autobiográfico”, define autobiografia – retirando o conceito do dicionário *Larousse* e acrescentando uma restrição de campo – como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (p. 14). O que caracteriza um texto em primeira pessoa como autobiografia é o pacto, ou contrato de leitura feito entre autor-narrador-personagem e leitor.

A diferença entre tal gênero e a ficção residiria nas “questões de *fidelidade* (problema da “semelhança”) dependendo, em última instância, da questão da *autenticidade* (problema da identidade) que gira também em torno do nome próprio” (p. 27). Em *O africano*, a identidade de nome se estabelece seguindo uma das possibilidades do pacto, que é o comportamento do narrador autodiegético logo no início do livro, embora não haja referência ao nome nele:

Seção inicial do texto onde o narrador assume compromissos junto ao leitor, comportando-se como se fosse o autor, de tal forma que o leitor não tenha nenhuma dúvida quanto ao fato de que o ‘eu’ remete ao nome escrito na capa do livro, embora o nome não seja repetido no texto (LEJEUNE, 2008, p. 27).

A certeza de se estar tratando de obra autobiográfica – embora pareça que Jean-Marie está apenas fazendo a biografia de seu pai, Raoul Le Clézio – é a parte introdutória do livro, o provável “pacto” de leitura, que informa a intenção do narrador de percorrer os caminhos e as memórias dos pais, para construir sua autobiografia:

Todo ser humano é um resultado de pai e mãe. Pode-se não reconhecê-los, não amá-los, pode-se duvidar deles. Mas eles aí estão: [...] a cor dos olhos e dos cabelos, seu modo de falar, suas ideias, provavelmente a idade de sua morte, tudo isso passou para nós.

³ A africanidade, vista na perspectiva abstrata e genérica das qualidades do homem e do mundo africano, em contraposição ao homem e mundo europeus, é uma doutrina que inclui componentes geográficos, históricos, míticos, linguísticos, religiosos, etc, que constituem e caracterizam o discurso do africano negro na sua herança assumida e no seu visionarismo profético, forjadores de uma nova identidade social e cultural (LARANJEIRA, 2005, p. 53).

Por muito tempo sonhei que minha mãe era negra. Inventei-me uma história, um passado, para escapar da realidade em meu retorno da África, neste país, nesta cidade onde eu não conhecia ninguém, onde me tornara um estrangeiro. Depois descobri, quando meu pai, na idade da aposentadoria, retornou para viver conosco na França, que o Africano era ele. Foi difícil admitir isso. Tive de voltar atrás, de recomeçar, de tentar compreender. Em memória disso escrevi este pequeno livro (p. 5).

Somente ao término da leitura do livro, será possível compreender quem realmente é o africano. Não restam dúvidas de que o pacto não fora explicitamente declarado para não prejudicar as interpretações, possíveis e necessárias, a respeito da africanidade. Caso o leitor, valendo-se ainda de Lejeune, creia que não há pacto algum, *O africano* ainda seria uma obra autobiográfica, pois se enquadraria no

Pacto = 0 (entenda-se como pacto o pacto do título ou o pacto liminar): o leitor constata a identidade autor-narrador-personagem, embora esta não seja objeto de nenhuma declaração solene. Exemplo: *Les Mots*, [As palavras], de Jean-Paul Sartre. Nem o título, nem o início indicam que se trata de uma autobiografia: alguém conta a história de uma família (LEJEUNE, 2008, p. 30).

A comprovação da veracidade dos fatos narrados pelo autor pode ser atestada verificando-se sua biografia e a comparando com as passagens relatadas no livro, por exemplo, a respeito da profissão e do reencontro com o pai, Dominique Chabrol (2008), conta que durante a Segunda Guerra Mundial, a família ficou separada, pois Raoul Le Clézio estava impossibilitado de juntar-se à mulher e aos filhos, em Nice. Após a guerra, quando Jean-Marie tinha 8 anos, a família se reuniu novamente, na Nigéria, onde o médico servia como cirurgião do exército britânico. O mesmo fato é relatado no livro, após um breve histórico das vivências profissionais do pai do autor-narrador:

O homem que conheci em 1948, quando fiz oito anos, estava gasto, precocemente envelhecido pelo clima equatorial, e se tornara irritável, devido à teofilina que ele tomava para combater acessos de asma, e amargo, devido à solidão, a ter vivido todos aqueles anos de guerra separado do mundo, sem notícias da família, na impossibilidade de sair de seu posto para ir socorrer a mulher e os filhos, ou até mesmo de mandar-lhes dinheiro (p. 39-40).

Algumas pistas deixadas pelo narrador possibilitam compreender o fato de sua autobiografia ser construída dentro e através da biografia do pai. “Tentei imaginar o que poderia ter sido a vida dele (e, por conseguinte, a minha) se meu pai, em vez de fugir, tivesse se submetido à autoridade do chefe” (p. 41). Também se podem observar os dados históricos precisos, como na passagem: “Quando chegam as notícias da invasão da França, em junho de

1940, já é muito tarde para agir. Na Bretanha, minha mãe vê as tropas desfilarem sob suas janelas” (p. 92).

Aos três anos de idade Le Clézio quase morreu subnutrido devido à escassez de comida dos anos de guerra. A partir de então, ele passa a ter crises, acessos de raiva, atribuídos a essa etapa tão marcante de sua puerilidade: “O bombardeio em Nice, que tinha me jogado no chão, no banheiro da casa de minha avó, e aquela sensação, que eu não consigo esquecer, do piso me escapando dos pés. Ou ainda a imagem de uma ferida na perna de minha avó” (p. 47). A descrição segue com as “penúrias e falta de medicamentos” bem como a fuga de sua mãe consigo, para evitar a deportação devido ao cargo de seu pai no exército britânico.⁴

Em situações extremas, como as vividas por uma criança em meio à guerra, um elemento se torna importante para a sobrevivência: o esquecimento. Vale perguntar-se: Tais situações poderiam ser descritas *ipsis litteris* para que as gerações futuras saibam exatamente o que ocorreu na história?

A historiografia tal como o século XX a conheceu é uma invenção do século anterior. Pode-se dizer – com Walter Benjamin – que essa historiografia representaria mais um dos sonhos que penetram o umbral da nossa Era. Ao que tudo indica, estamos despertando desse sonho ou pesadelo – recorrente – do historicismo, que acreditou na possibilidade de se conhecer o passado ‘tal como ele de fato ocorreu’. Não apenas Benjamin foi um dos maiores responsáveis pelo despertar desse sonho e pela sua interpretação, já que Nietzsche no seu texto ‘Dos usos e desvantagens da história para a vida’ (‘Von Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben’) afirmara que ‘es ist [...] ganz und gar unmöglich, ohne Vergessen überhaupt zu leben’ [é totalmente impossível de se viver sem o esquecimento] (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 60).

Le Clézio diz que se esqueceu das tristezas da guerra e da infância, substituindo sua lembrança por uma falsa opinião de liberdade no tempo permanecido na Nigéria: “Uma liberdade de movimentos, pensamentos e emoções que nunca mais conheci depois. As lembranças, por certo, enganam. Essa vida de liberdade total, eu a terei, sem dúvida, mais sonhado que vivido” (p. 18-19). Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento*, (2007, p. 29) afirma que ““conservar corretamente a lembrança’ não é pertinente no âmbito de uma teoria epistêmica que tem por aposta o estatuto da opinião falsa, portanto do julgamento, não da memória como tal. Sua força está em toda a sua extensão, pelo viés de uma fenomenologia da confusão, a aporia da presença da ausência.”

⁴ Os historiadores Richard Overy (1985, p. 211), Gerhard Weinberg (2005, p. 328) e Stephen E. Ambrose (2008, p. 731) escrevem sobre esse episódio ocorrido a 26 de maio de 1944, quando a região de Nice foi bombardeada pelas tropas aliadas em preparação das manobras para o Desembarque da Normandia.

As lembranças do passado do autor, evocadas ao olhar a única foto da casa em que sua família viveu em Ogoja, fazem-no perceber sua ilusão infantil referente ao lugar. No entanto, eram seu “tesouro, o passado luminoso que não podia perder.” Compreende-se o estranhamento do narrador autodiegético, perante um lugar que se configura totalmente diferente, com a citação de Bérghson (apud RICOEUR, 2007, p. 44): “Para evocar o passado em forma de imagens, é preciso poder abstrair-se da ação do presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo”.

Alguns críticos afirmaram que *O Africano* intercala ficção em sua narrativa, pois o autor expressa sua opinião sobre os fatos ocorridos quando era criança e sobre as atividades de seus pais em África. No entanto, tais fatos contribuíram para a construção da identidade do autor e revelam mais um estilo de depor a respeito de si e seus progenitores, do que uma fantasia ideária de Le Clézio:

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de ‘identidade narrativa’, como diz Paul Ricoeur, em que consiste qualquer vida. É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção (LEJEUNE, 2008, p. 104).

Portanto, é retirando das lembranças e da memória os fatos constitutivos do passado, que se faz história. Alguns têm pouco êxito, talvez por terem feito pouco, ou porque a atualidade ainda não compreendeu a importância de seus atos. Outros estão buscam sua identidade, compreender melhor sua história pessoal e, transcrevendo-a, recebem o devido reconhecimento. Foi o que ocorreu com Jean-Marie Gustave Le Clézio, conquistando o Nobel de Literatura com sua autobiografia. Conforme Hannah Arendt (2000), tudo com o qual os seres humanos “entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.” O que pode variar é o ponto de vista em relação a essa condição. O contato com a cultura africana inevitavelmente transformará o pensamento de quem a conheceu, embora alguns se sensibilizem mais que outros. Em tal sentido, é que Lejeune fala da recepção em sua releitura do pacto autobiográfico:

Em um texto posterior ('O pacto autobiográfico (bis)', *Moi aussi*, de 1986), retifiquei algumas asserções do 'Pacto' que continuavam sendo normativas demais – mas, em alguns pontos, hoje, tenho quase vontade de retificar essas retificações: não tenho mais certeza de que estava tão enganado assim! Por exemplo, explico friamente, em *Le pacte autobiographique*, que a identidade é uma questão de tudo ou nada: uma identidade existe ou não existe. Em 'O pacto autobiográfico (bis)', amenizo as coisas, mostro as ambigüidades e transições que podem existir... Mas, será que a emissão e a recepção funcionam da mesma maneira? Quem recebe uma mensagem ambígua não pode ficar em cima do muro! Quase todas as autoficções são lidas como autobiografias. Quando eu disse 'uma identidade existe ou não existe', estava adotando, muito sabiamente, o ponto de vista do leitor... Essa é, aliás, a posição que assumo no início de *Le pacte autobiographique*: todas as análises são feitas a partir da recepção (LEJEUNE, 2008, p. 81).

Suas afirmações não são peremptórias, como também não é a construção da identidade dos seres humanos. Cada pessoa tem sua própria trajetória, em um ciclo de acertos e erros, na tentativa de ficar escrito positivamente no tempo. Le Clézio alcançou seu intento: escrever suas lembranças, com auxílio das memórias de seus pais.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Após a descoberta de que Raoul Le Clézio tornou-se africano, o filho Jean-Marie Gustave resolve escrever o livro, no qual e pelo estudo do qual, se descobre africano. Apesar de ter como desencadeante uma viagem, *O africano* não se constitui propriamente em literatura de viagens, pois o percurso dirige-se primeiro ao autoconhecimento e depois à memória coletiva. A viagem do ganhador do Nobel pelas lembranças da família impele o leitor a um retorno às suas origens, podendo ser apenas uma geração ou muitas, até seu primeiro ancestral: africano. Obviamente, o intento de Le Clézio não é o de fazer o leitor descobrir a quantas gerações está seu último antepassado africano, mas possibilitar o resgate de sua africanidade para desenvolver uma identidade e uma sociedade mais humanas. Pode-se viver como em África, terra que, apesar das doenças, sofrimentos e injustiças, é “forte e hilariante, com suas incontáveis crianças, suas festas dançadas, com o bom humor e a veia cômica” (p. 82).

Abstract: This article aims at analyzing *O Africano*, by JMG Le Clezio, to identify the author's autobiography, influenced by his father's life. To this, we have studied the postulates of Lejeune in his book *O pacto autobiográfico* as well as we have localized *O Africano* in the historical time, through the study of memory, its ally. The book demonstrates the close

Revista Língua & Literatura. Frederico Westphalen, v. 12, n. 18, p. 133-144. Dez. 2009.

connection between Le Clezio and Africa, teaching the reader to be watchful about the africanity presents in every human being, most often hidden or unnoticed.

Keywords: Autobiography. Africa. Le Clezio.

Referências

AMBROSE, Stephen E. *El Día D*. Barcelona: Inedita, 2008.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHABROL, Dominique. *JMG Le Clézio, Les Racines Mauriciennes du Nouveau Prix Nobel*. Les Echos, 9 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://archives.lesechos.fr/archives/2008/lesechos.fr/10/09/300300424.htm?texte=Le%20cl%20E9zio>>. Acesso em: 12 jun. 09.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LARANJEIRA, Pires. *Ensaio afro-literários*. Lisboa: Novo Imbodeiro, 2005.

LE CLÉZIO, Jean-Marie G. *O africano*. Trad. Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização e tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

OVERY, Richard. *The Air War. 1939-1945*. New York: Stein and Day, 1985.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SELIGMANN-SILVA Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.

WEINBERG, Gerhard. *A World at Arms. A Global History of World War II*. 2. ed. Cambridge: University Press, 2005.